

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
EDF0285 - Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico
Profa. dra. Juliana Oliva

DIÁRIO DE BORDO

São Paulo – Fevereiro/2021

Gilvandro Mendes Monteiro
8024022

5 de janeiro

Texto: *O que é filosofia?* (Ortega y Gasset)

“Em filosofia, não costuma ser a linha reta o caminho mais curto”. Assim Ortega y Gasset inaugura sua reflexão, marcando uma diferença do pensamento filosófico com o pensamento cartesiano e propondo um movimento de círculos concêntricos da investigação filosófica. Longo, intermitente e ziguezagueante tem sido o caminho do meu pensamento nesses doze meses de pandemia. Dois fatos me trouxeram à reposição dessa disciplina: os estudos para a prova de mestrado e o apagão no Amapá. Sou amapaense e estou desde o segundo semestre de 2020 em Macapá. A pausa para o mestrado já era programada; o apagão não. Os dois juntos me provocaram desistência e posterior persistência nas matérias da licenciatura. Obrigado pela sensibilidade da reposição, professora; apesar de um semestre em sete aulas, é válida e necessária. A filosofia é imprescindível à existência. O acesso de todos os indivíduos à atividade filosófica é condição suprema da neutralização do vírus da ignorância, embrião do fascismo. O fetiche da técnica, sublimada pela modernidade em busca de bem-estar para alguns, banaliza a existência e aliena o ser humano de si, do outro, da sua força criadora e da própria existência. Qual o espaço para a contemplação filosófica hoje? Entre meus familiares e vizinhos, a maioria está enfeitiçada pela técnica sintetizada no aparelho celular; e os poucos que tentam filosofar não encontram outros parâmetros além do pastor e da Bíblia. Para esses, da promessa moderna de bem-estar por meio da técnica não chegou nem o eco; têm celular, mas não têm pão nem energia elétrica nem moradia confortável nem lazer, esporte, ciência e arte; esse aparelho não é benefício, mas ferramenta de controle e alienação, disfarçado de catatônico entretenimento. Neste tempo de pandemia, o viver dos confinados e distanciados se reduz a interações digitais, que mais aprofundam do que suprem o vazio existencial. Os negacionistas, eivados do utilitarismo da técnica, desprezam a morte – e portanto a vida – e se atiram a si e aos outros nas covas dos infectados. Felizmente, a coexistência de gerações diferentes no mesmo tempo

presente acende uma luz nas trevas. As jovens gerações que rompem com a tradição opressora e exploradora sinalizam a vitória da civilização contra a barbárie.

2 de fevereiro

Textos: *Resposta à pergunta: O que é esclarecimento* (Kant)

Quase 300 anos depois do texto de Kant, permanecemos ainda na escuridão da atual onda fascista. A razão e a ciência são questionadas e as verdades absolutas da religião ainda dominam a mente de milhões de oprimidos e opressores no Brasil e no principal país da modernidade capitalista. Os opressores não se incomodam com dogmas, ignorâncias, violências, nacionalismos e servidão desde que o capital continue se multiplicando. Liberdade, responsabilidade e razão dissipam-se no ar. O sujeito moderno desintegra-se no vazio histérico do fetiche da técnica. O capital oblitera a razão e descontrola os impulsos de consumo destrutivo. A racionalidade da técnica prisioneira da propriedade privada retrocede o ser humano à animalidade. A educação libertadora dá lugar aos influencers. Milhões de indivíduos condenados à menoridade por pastores, empreendedores e coachs. O exame crítico do mundo cada vez mais restrito a pequenos círculos. Não há esclarecimento sem liberdade; enquanto houver classe dominante/propriedade privada dos meios de vida, não haverá liberdade.

O que aconteceu? Como fomos parar na barbárie? Por que a humanidade afunda em um novo tipo de barbárie em vez de entrar num estado verdadeiramente humano? Como não repetir o nazismo? A razão questionou os mitos mas tornou-se mito, verdade absoluta, reificada na fetichização da técnica. O afastamento da natureza aprofundou-se, o ser humano está quase totalmente alienado da natureza. É preciso esclarecer a autodestruição do esclarecimento, criticar a razão pelos meios da própria razão. Há pouca consciência sobre o passado nazista; pode (e está) acontecer de novo. A barbárie não é mais uma ameaça e há condições para que ela persista. Como falar sobre isso? Um modo é não reduzir o acontecimento a números, não tomá-los como algo superficial, reconhecer que houve condições, uma tendência social imperativa, uma organização da sociedade sob proposta racionalista. É preciso fazer uma inflexão ao sujeito, perceber as raízes dos problemas nos indivíduos perseguidores. É preciso dissipar a cultura de violência desde a infância.

9 de fevereiro

Textos: *Afrocentricidade e educação* (Renato Nogueira)

Renato Nogueira propõe um repertório epistemológico não-europeu, mas sem abandonar a epistemologia europeia. Ele defende um currículo afrocentrado: “Enquanto não houver leões historiadores, a glória da caça irá sempre para o caçador” (provérbio Haussa). Contar a história pela visão de outro narrador: assim deve ser o ensino de história e cultura africana e afrobrasileira (e também dos povos autóctones, quase dizimados pelo Estado colonial, que continua a violentá-los com mineradoras, agronegócio e evangelização neopentecostal). Afrocentricidade (Moleti Asante) é pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos a agentes de fenômenos sobre sua própria imagem cultural e seus próprios interesses humanos. Localização: centro, margem e distância. Posição e perspectiva estão em movimento constante. Não é versão negra do eurocentrismo, não é trocar o centro, mas pensar em todas as localizações dinâmicas como centro, margem e distância. Nogueira recusa centro único, não quer fixar novo centro. Afrocentricidade condena valorização etnocêntrica, que degrada a perspectiva do outro, e percebe todas as perspectivas como possíveis, não desmerece outras etnicidades e não comete epistemicídio, comprehende todas as subjetividades; reconhece o sujeito africano como promotor de condições para a liberdade e fim do etnocentrismo. Propõe a adoção do Nguzo Saba, os sete princípios de Maulana Karenga, campos epistêmicos de culturas africanas: 1) centralidade da comunidade; 2) respeito à tradição; 3) alto nível da espiritualidade e envolvimento ético; 4) harmonia com a natureza; 5) natureza social da identidade individual; 6) veneração dos ancestrais; 6) unidade do ser. Esses princípios são diferentes da modernidade de Kant; consideram o sujeito como totalidade, valorizam a comunidade e o olhar histórico para tradição e ancestrais. Nogueira assume a proposta de Asante para um currículo afrocentrado: 1) você e comunidade; 2) bem-estar e biologia; 3) tradição e inovação; 4) expressão e criação artísticas; 5) localização no tempo e espaço; 6) produção e distribuição; 7) poder e autoridade; 8) tecnologia e ciência; 9) escolhas e consequências; 10) mundo e sociedade.